

Alexandra Kollontai: entre feminismo e socialismo

Danielle Jardim da Silva¹

No ano de 1917, o grande oceano de humanidade se levanta e se agita, e a maior parte deste oceano feita de mulheres... Algum dia a história escreverá sobre as proezas dessas heroínas anônimas da revolução².

A aproximação dos 100 anos da Revolução Russa se dá em um momento de ascenso do feminismo no Brasil e em outros países. Nesse contexto, achamos fundamental o resgate das experiências soviéticas sobre a questão da mulher e da família, bem como da vida e das contribuições de Alexandra Kollontai.

Alexandra Kollontai foi a figura feminina mais importante da Revolução Russa e uma das maiores entusiastas do movimento de mulheres socialistas. Ficou famosa pela proposição do amor livre³ e de uma nova moral. Mas foi também dirigente partidária, oradora, escritora, organizadora de massas e ponte de correspondências entre Lênin e o partido na Rússia (quando este estava exilado). Com a Revolução, veio a compor o primeiro governo soviético, tornando-se a primeira mulher ministra no mundo e estando à frente das primeiras políticas públicas destinadas a socializar o trabalho doméstico, a criar condições para a liberdade da mulher e sua integração econômica, política e cultural à sociedade e a contribuir para o fim da família. Após sua saída do governo, Kollontai junta-se à Oposição Operária e faz críticas ao processo de perda de democracia da revolução e burocratização do governo, no entanto, anos depois apoia o regime estalinista, carregando polêmicas e contradições. Seja do ponto de vista feminista, seja do ponto de vista político e histórico, o resgate de sua trajetória é de grande importância.

Alexandra Kollontai: de dona de casa a bolchevique

Em sua autobiografia, Kollontai conta duas experiências em sua juventude que teriam contribuído fortemente para sua crítica radical ao casamento e à família burguesa: o casamento de sua irmã de 19 anos com um homem de 70 e o seu casamento com Vladmir Kollontai (o que se deu contra a vontade de seus pais, que

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal Fluminense. Pós-graduada em Gênero e Sexualidade pelo IMS-UERJ/CLAM

² KOLLONTAI, Alexandra. *Mulheres Militantes nos Dias da Grande Revolução de Outubro*. 1927. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kollontai/ano/mes/militantes.htm>. Visitado em: 18/07/2016.

³ A expressão amor livre aqui e nessa época não é usada como sinônimo de “relação não-monogâmica”, mas como relação sem a necessidade do casamento.

queriam casá-la com alguém de melhor condição econômica). Mas sua experiência como mulher casada e dona de casa, também foi decisiva⁴

Ainda que eu mesma tenha educado meu filho com grande empenho, a maternidade não foi nunca o ponto central de minha existência. Um filho não conseguiu tornar indissolúvel meus laços matrimoniais. Eu continuava amando meu marido, mas a dita existência de dona de casa e esposa se converteu em uma espécie de “jaula”. Minhas simpatias, meus interesses, dirigiam-se cada vez mais ao movimento revolucionário da Rússia.⁵

Kollontai foi se aproximando do movimento revolucionário. Lia, estudava, assistia conferências e trabalhava em sociedades semi-legais de educação popular. Ela descreve o ano de 1896 como um ano decisivo na sua vida, quando visita uma fábrica têxtil e se dá conta de que “*não poderia desfrutar de uma vida feliz e pacífica, se o povo operário era escravizado de forma tão desumana*”⁶. Dessa forma, infeliz com sua vida de dona de casa e cada vez mais próxima ao movimento revolucionário que florescia, deixa seu marido e filho e vai para Zurique estudar economia⁷. Lá, como estudante, entra em contato com o marxismo e com as ideias de Rosa Luxemburgo, Kautsky e da social-democracia alemã. Em Paris e Genebra, se aproxima de Paul e Laura Lafargue (filha e genro de Marx) e conhece Kautsky. Quando volta a São Petersburgo em 1899, volta decidida a se filiar ao Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), passando a atuar como escritora, propagandista, organizadora e oradora.⁸

Em 1903, quando ocorre a cisão do POSDR, Kollontai alinha-se aos bolcheviques, que defendiam um partido centralizado voltado para o trabalho revolucionário, em detrimento dos mencheviques. Mas em 1906 ela passa a integrar a facção menchevique, pela defesa destes de participação crítica na Duma, enquanto os bolcheviques eram contra qualquer participação no governo. No exílio entre 1908 e 1917, na prática ela identificou-se mais como “social-democrata”, colaborando em alguma medida com os dois grupos.

Em 1914, os mencheviques apoiam a guerra e a linha da II Internacional, enquanto os bolcheviques se colocam radicalmente contrários à guerra imperialista liderando a fundação da III Internacional. Por conta disso, na Conferência de Zimmerwald, em 1915, Kollontai se aproxima definitivamente dos bolcheviques.⁹

⁴ Seu casamento durou 3 anos (1893-1896), durante os quais teve seu filho Misha. KOLLONTAI, Alexandra. *Autobiografia de uma mulher emancipada*. São Paulo: Proposta Editorial, 1980. p.17. A autobiografia de Kollontai foi escrita em 1926 e editada mais tarde, ao que tudo indica sob pressão da repressão stalinista. Utilizamos o texto como escrito em 1926, antes de ser editado.

⁵Idem. p.16.

⁶ Em 1896 houve uma onda de greves nas quais o movimento operário se sobressaiu. (Idem)

⁷ Kollontai possuía nesse momento 24 anos. Ela nasceu em 1872, filha de uma camponesa finlandesa e um general ucraniano pertencente à nobreza latifundiária.

⁸ Idem p. 17-19. Para este e o próximo parágrafo.

⁹ PORTER, Cathy. *Alexandra Kollontai: A biography*. London: Virago, 1980. Cap. 4.

Movimento Feminino Operário

O socialismo utópico de Flora Tristan e Fourier e, depois, a produção de Marx, Engels e Bebel¹⁰ guiaram a base teórica dos movimentos socialistas e fundaram uma aproximação entre materialismo histórico e “emancipação das mulheres”. Eles observaram a condição de vida e trabalho da mulher operária, o efeito do capitalismo sobre a família e da indústria sobre a mulher, a substituição da mão de obra masculina pela feminina e o rebaixamento de salários, compreenderam a família e a divisão “natural” do trabalho como elementos históricos e mutáveis, bem como a importância da produção e reprodução e a necessidade de superação da família de então. A emancipação das mulheres dependia da abolição da propriedade privada e da criação de uma economia doméstica comunal. Sob o socialismo as relações se baseariam no afeto genuíno. Eles também reconheceram a inevitabilidade do trabalho feminino, quando boa parte dos operários ainda lutava contra ele.¹¹

Antes da Revolução Russa, o SPD e a II Internacional foram os maiores laboratórios do trabalho socialista entre as mulheres. Daí surgiram os primeiros jornais dedicados às trabalhadoras, comissões de propaganda dirigidas às mulheres, resoluções referentes aos direitos das mulheres e a inclusão de mulheres na direção.¹² A II Internacional possuía as Conferências Internacionais de Mulheres Socialistas e um Departamento Feminino, resoluções congressuais sobre o trabalho das mulheres, salários iguais e voto feminino, além da definição de um “Dia da Mulher” a ser comemorado em cada país.

Wendy Goldman cita uma conversa de Clara Zetkin com Kollontai em 1906, onde esta teria sido convencida a organizar as mulheres, entretanto, Cathy Porter, relata seu contato, antes de 1906 com as ideias socialistas sobre as mulheres e reflexões sobre as organizações de mulheres burguesas¹³. Nos anos de 1905/1906 Kollontai intensifica a defesa de um trabalho voltado às mulheres:

¹⁰ ENGELS, Frederick. *A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado*. São Paulo: Escala, 2009 e BEBEL, A. *La Mujer y el Socialismo*. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1986. (escritos respectivamente em 1884 e 1879). Em Marx não encontramos uma formulação sistematizada, mas encontramos reflexões sobre a questão da mulher em obras como *A Ideologia Alemã*, *A sagrada Família*, *O Capital*, *Teses Sobre o Suicídio* e outras obras, das quais é possível extrair suas concepções. Para Engels, vale ainda lembrar que *A Situação da Classe Operária na Inglaterra* discorre longamente sobre a condição das mulheres e famílias operárias.

¹¹ GOLDMAN Wendy. *Mulher, Estado e Revolução*: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 50-55.

¹² Em 1895, Clara Zetkin, principal figura articuladora do movimento de mulheres do SPD e da II Internacional, passa a compor a direção do partido. A participação de mulheres nas conferências salta de 25 em 1901 para 407 em 1907. Para comissão de mulheres, ARRIZZA, Cinzia. *Feminismo e Socialismo*: entre casamentos e divórcios. Lisboa: Combate, 2010. p. 39; para trabalho de mulheres no SPD, BADIA, Gilbert. *Clara Zetkin: Vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2003. p. 48-58; para o jornal “A Igualdade”, Idem. p.66.

¹³ GOLDMAN, *op. cit.* p. 64; PORTER, *op. cit.*

Nessa época tomei pela primeira vez consciência do quão pouco nosso partido se interessava pelo destino das mulheres trabalhadoras e pela libertação da mulher. [...] Assim, intervi diretamente na luta entre as defensoras dos direitos da mulher russa, procurando fazer, com todas as minhas forças, com que o movimento operário assumisse também o problema da mulher como objetivos de luta e de seu programa.¹⁴

Tony Cliff comenta também que, no ano de 1905, as mulheres russas entram na luta de massas e as greves passam a ter reivindicações como “licença-maternidade” paga, berçários nas fábricas e direito de amamentar os filhos, etc¹⁵. Em 1907 Kollontai consegue formar a Sociedade de Ajuda Mútua de Trabalhadoras de São Petersburgo, com um jornal destinado às operárias. Muitas das jovens participantes da Sociedade tornaram-se lideranças da revolução e do governo soviético anos depois.¹⁶

Ainda em 1907 ela escreve *Os Fundamentos Sociais da Questão Feminina*, onde afirma que, em virtude da posição de sua classe, as feministas¹⁷ não poderiam lutar pela transformação fundamental da estrutura econômica e social sem a qual a libertação das mulheres não poderia completar-se. Reconhece que a estrutura da família de então, produto do capitalismo, oprimia as mulheres de todas as classes, mas que a transformação desta não ocorreria sem uma transformação social mais ampla.¹⁸

Em 1908, Kollontai defende a participação das trabalhadoras no I Congresso de Mulheres de Toda a Rússia, iniciativa do movimento feminista burguês, o que lhe valeu ser chamada de “feminista”, apesar de seu esforço em se diferenciar do movimento feminista burguês. Mas Kollontai não pôde participar do Congresso até o final, tendo que fugir da polícia para não ser presa. A partir daí, de 1908 a 1917 ela viveu como exilada em diversos países.¹⁹

No exterior Kollontai continuou a estudar e escrever sobre a questão das mulheres. Em 1909, ela publica *As Bases Sociais da Questão Feminina*, obra de mais de 400 páginas onde realiza uma análise marxista da família, da união livre e defende

¹⁴ KOLLONTAI, *Autobiografia...*, op. cit., p. 18.

¹⁵ CLIFF, Tony. *Alexandra Kollontai: Russian Marxist and Women Workers*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1984/women/> Visitado em: 18/07/2016.

¹⁶ VEST, Caitlin. *Alexandra Kollontai and the “Woman Question”*: Women and Social Revolution, 1905-1917. Disponível em: http://www.lagrange.edu/resources/pdf/citations/2011/11_vest_history.pdf. Visitado em: 18/07/2016; CLIFF, op. cit.

¹⁷ Entre os socialistas e comunistas dessa época é comum o entendimento do “movimento feminista” apenas como o feminismo burguês. As mulheres trabalhadoras usavam a nomenclatura de “Movimento Feminino Operário”, na maioria das vezes recusando o rótulo de “feministas”.

¹⁸ Nesta obra, Kollontai apresenta uma posição diferente da que ficou conhecida: ela desconfia do “amor livre” duvidando da possibilidade de exercê-lo antes que houvesse uma sociedade socialista. De fato, é após a Revolução que ela se empenhará no debate sobre uma nova moral. KOLLONTAI, Alexandra. *Los Fundamentos Sociales de la cuestión femenina*. Disponível em: <http://www.marxists.org/espanol/kollontai/1907/001.htm> Visitado em: 18/07/2016.

¹⁹ KOLLONTAI, *Autobiografia...*, op. cit., p. 19.

a coletivização das funções da família pelo Estado.²⁰ Em 1913, ela escreve *O Dia da Mulher* (comemorado pela primeira vez na Rússia), no qual defende o trabalho específico com trabalhadoras²¹. Nesse mesmo ano, o *Pravda* passa ter uma parte do jornal dedicada às mulheres e, no Dia da Mulher de 1914, é lançado o jornal *Rabotnitsa* (A Mulher Trabalhadora).²²

A guerra e a Revolução

A guerra mudaria a formação da classe trabalhadora, empurrando cada vez mais mulheres ao trabalho, na medida em que os homens eram convocados para a front de batalha. A presença de tantas mulheres nas fábricas e a situação da classe trabalhadora deu um grande impulso à perspectiva de trabalhos voltados para a mobilização das mulheres nos partidos socialistas. Kollontai comenta que somente um pouco antes guerra é que bolcheviques e mencheviques começaram a considerar a questão das mulheres de forma séria, fundando revistas operárias e intensificando a organização das mulheres trabalhadoras.²³

Quando estoura a guerra, Kollontai, então na Alemanha, se alinha a Karl Liebknecht na posição contrária à guerra. Na Suécia, ainda sem saber posições dentro do partido russo, ela inicia suas atividades de propaganda anti-bélica e por solidariedade internacional dos trabalhadores, o que leva à sua prisão e deportação. Entre 1914 e 1915, passa pela Dinamarca, Noruega (onde, com Schliapnikov, serviu de ponte entre Lênin, residente na Suíça, e o Comitê Central do partido) e Estados Unidos (onde esteve com Trotsky e outros) escrevendo e proferindo discursos.

Ela ainda estava no exterior quando, em 8 de março de 1917 (23 de fevereiro), operárias têxteis de diversas fábricas de Petrogrado abandonam o trabalho e iniciam a greve que levaria à queda do Czar. Trotsky coloca que

O dia 23 de fevereiro era o Dia Internacional da Mulher. Os círculos da social-democracia tencionavam festejá-lo segundo as normas tradicionais: reuniões, discursos, manifestos. Na véspera ainda ninguém poderia supor que o Dia da Mulher pudesse inaugurar a Revolução. [...] É evidente, pois que a Revolução de Fevereiro foi iniciada pelos elementos de base, que ultrapassaram a resistência de suas próprias organizações revolucionárias, e que essa iniciativa foi espontaneamente tomada pela camada proletária mais explorada e oprimida que as demais – as operárias da indústria têxtil.²⁴

²⁰ KOLLONTAI, Alexandra. As bases sociais da questão feminina. (trecho). In: KOLLONTAI, Alexandra. *Marxismo e Revolução Sexual*. São Paulo: Global Editora, 1982.

²¹ KOLLONTAI, Alexandra. *O Dia da Mulher*. Disponível em: http://www.marxistsfr.org/portugues/kollontai/1913/mes/dia_mulher.htm Visitado em: 18/07/2016

²² VEST, *op. cit.*

²³ KOLLONTAI, *op. cit.*, p. 21. Sobre a guerra e as mulheres ver: THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra. In: PERROT, Michelle & DUBY, Georges. *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 5. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

²⁴ TROTSKY, León. *História da Revolução Russa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, vol. 1, p.102-103.

A greve das operárias, espalhada a outros setores, juntamente com a continuidade da guerra e a situação insuportável no campo elevou as contradições do czarismo ao máximo. Operários, soldados e camponeses, que lutavam por pão, paz e terra, mas também a burguesia liberal russa, se convenceram que para ter as mudanças que queriam – e que não eram as mesmas – o czar precisaria ser derrubado. Cinco dias após a greve iniciada no Dia das Mulheres, o czar abdica o trono e forma-se o Governo Provisório.

Kollontai, que estava na Noruega, se apressa em voltar à Rússia e tomar parte nos trabalhos dos Sovietes. A guerra tornava a vida das mulheres insuportável e o preço dos alimentos altíssimo impulsionando sua organização contra a carestia e a guerra.²⁵

Em abril ela torna-se a primeira mulher a fazer parte do Comitê Executivo do Soviet de Petrogrado e do Comitê Central (CC) bolchevique. Na conferência do partido, Kollontai, junto com Schliapnikov, defende as teses de Lênin (que ainda não havia chegado à Rússia) sobre a existência de um duplo poder e os soviets como embrião do governo revolucionário, contrapondo-se às teses conciliatórias de Stalin, Zinoviev e Kamenev, que defendiam a participação no governo Kerensky. Após a chegada de Lênin, na reunião do CC onde este defende a insurreição armada, só Kollontai concorda com a proposta. Acusada de espiã por Kerensky, é presa em domicílio até setembro. Na reunião do CC que decide sobre a Insurreição de Outubro, ela vota a favor do levante.²⁶

Paralelamente a isso, Kollontai prosseguia com a militância junto às trabalhadoras. Em março o *Rabotnitsa* volta a ser editado²⁷ e em maio ocorre uma greve das trabalhadoras de lavanderias que exigia do governo a coletivização de todas as lavanderias, o que não foi atendido.

O protagonismo das mulheres em Fevereiro se repetiu na Revolução de Outubro. Com o país em guerra e um grande contingente de homens mobilizados, eram elas quem estavam muitas vezes à frente nas fábricas e campos, tomando o poder, expulsando latifundiários, formando soviets.²⁸ Trotsky, fala que

A mulher operária, nesses encontros entre soldados e obreiros, desempenha um papel importante. Com maior ousadia do que os homens, penetra nas fileiras dos soldados, agarra-se aos fuzis, suplica e quase ordena: “Tirem suas baionetas, reúnam-se a nós.” Os soldados emocionam, penalizam-se, entreolham-se inquietos e vacilam: um deles, enfim, se decide e as baionetas se levantam para cima dos ombros num gesto de arrependimento, a barragem se abre, estremecem

²⁵ KOLLONTAI, *Autobiografia*, op. cit., p. 28- 30.

²⁶ SERRA, op. cit. p. 68.

²⁷ Além de Kollontai, várias outras bolcheviques participaram da edição do *Rabotnitsa*, entre elas Krupskaja (esposa de Lênin). CLIFF, op. cit.

²⁸ KOLLONTAI, Alexandra. *Mulheres Militantes...*, op. cit.

no ar as vivas alegres e agradecidos, os soldados se vêem rodeados, de todos os lados elevam-se as discussões, os apelos: a revolução dá um passo adiante.²⁹

Kollontai no governo Soviético

Nos primeiros anos após a Revolução, as mulheres russas tiveram mais direitos que em qualquer lugar do mundo. Em 1917 a mulher torna-se eleitora e elegível, é legalizado o divórcio e o casamento civil, o casamento religioso é extinto e as camponesas passam a ter direito sobre a terra. O Código Completo do Casamento, da Família e da Tutela (1918), abole o poder marital, impedindo o marido de impor o nome, domicílio ou nacionalidade à esposa, institui a pensão alimentícia, acaba com a diferença entre filhos legítimos e ilegítimos, protege o trabalho feminino e cria a licença-maternidade. O aborto é legalizado em 1920 e em 1926, os casamentos e “uniões de fato” são igualados. Além disso, a partir da Revolução, são organizadas creches, pré-escolas, refeitórios, orfanatos, hospitais e outros serviços destinados à redução do trabalho doméstico e iniciativas de inserção das mulheres na força produtiva assalariada.³⁰

Essas políticas enfrentaram o conservadorismo de parte da população, sobretudo camponesa, e mesmo dos socialistas. Adversários alimentavam boatos de que os filhos seriam arrancados de suas famílias – distorcendo a ideia de criação socializada das crianças. Mas a destruição dos recursos e as necessidades do exército, causados pelas guerras, também limitaram as políticas de Estado.

Kollontai esteve direta ou indiretamente ligada a boa parte dessas políticas a partir de sua militância e de seu cargo no Comissariado do Povo para a Previdência Social³¹, responsável por uma grande quantidade de tarefas:

Prestar todo tipo de assistência aos inválidos de guerra, o que significava ter que atender centenas de milhares de soldados e oficiais mutilados. Também se ocupava do fundo de pensão, dos asilos de velhos, dos orfanatos, dos hospitais para pobres, da administração de cartas de baralho (a fabricação de baralhos era monopólio do estado), do ensino, das clínicas ginecológicas e de um grande número de centros de educação de meninas.³²

Kollontai também enfrentou uma grande oposição dos funcionários do Ministério à sua chefia, que fizeram barricadas no prédio, greve e auto-demissões. Formou então uma comissão de trabalhadores e funcionários com juristas, médicos e pedagogos para realizar as tarefas do governo: a separação entre igreja e escola (o que lhe valeu manifestações da Igreja e ameaças de morte), implantação do direito das

²⁹ TROTSKY. *op. cit.* p. 108.

³⁰ Tais medidas foram tomadas em uma efervescência de debates nos quais não houve posições homogêneas mesmo entre a liderança bolchevique, apresentando variações sobre opinião, abordagem, profundidade de compreensão sobre as questões. GOLDMAN, *op. cit.*; ARRUZZA, Cinzia. *Feminismo e Socialismo: entre casamentos e divórcios*. Lisboa: Edições Combate, 2010; NAVAILH, Françoise. O modelo soviético. In: PERROT, & DUBY, *op. cit.*

³¹ Ou Bem-Estar Social

³² KOLLONTAI, *Autobiografia...*, *op. cit.*, p 32.

alunas administrarem seus colégios (escolas femininas), transformação dos orfanatos em residências estatais para crianças (sem distinção de crianças com pais e sem pais), criação dos primeiros alojamentos para pobres e menores abandonados e elaboração de um sistema de hospitais gratuitos. Em 1918 transforma as maternidades em residências gratuitas para o atendimento de mães e recém-nascidos (base para uma proteção à maternidade completamente estatal) e cria o Palácio de Proteção à Maternidade, uma residência modelo para mães e cuidado de recém-nascido, mas que pegou fogo em um incêndio não explicado.³³

Kollontai mergulha de cabeça na grande quantidade de tarefas do Comissariado, mas não permanece muito tempo, se retirando do governo em 1918. A saída da Rússia na Guerra dividiu os bolcheviques. Bukharim e outros defendiam que era necessário levar a guerra adiante esperando que ela desencadeasse a revolução em outros países sendo contra qualquer concessão ao imperialismo alemão. Lênin defendia um acordo de paz imediato para salvar a Rússia para ganhar a confiança dos camponeses.³⁴ No VII Congresso do partido, durante as discussões sobre Brest-Litovsky, Kollontai renuncia aos cargos no Comitê Central e no governo em manifestação contrária ao tratado³⁵.

As Mulheres e Guerra Civil

Após a saída do governo, Kollontai passa a dedicar todas as suas energias ao trabalho com as mulheres. Em 1918, no I Congresso de Trabalhadores e Camponeses de Toda a Rússia é aprovado um plano visando a emancipação das mulheres, com atenção especial sobre a participação das mulheres nos soviets e na vida produtiva.³⁶ No 8º Congresso do partido em 1919, é estabelecido o compromisso com a substituição dos serviços domésticos pelos socializados e Kollontai apresenta uma resolução sobre a necessidade de um trabalho mais sistemático com as mulheres para que o partido tivesse lideranças femininas mais ativas³⁷, além de uma moção em favor da igualdade de direitos das mulheres visando colocá-la em trabalhos do Estado e comunidade.³⁸

O trabalho de mulheres no partido bolchevique se desenvolveu em vários estágios. Em 1917 cria-se um burô de mulheres e, em 1918, uma comissão feminina de agitação e propaganda que em 1919 torna-se parte do Comitê Central sob o nome

³³Idem. p 33-35. Nessa época Kollontai escreve o texto *Primeiros Passos para a Proteção da Maternidade*.

³⁴SERRA, Y. IN: Kollontai, *Autobiografia...*, op. cit., p. 70-71.

³⁵KOLLONTAI, *Autobiografia...*, op. cit., p. 70-71. Kollontai volta a integrar o governo em 1919 para trabalhos de reconhecimento e propaganda junto ao governo ucraniano. CRUZ, Paula Loureiro. *Alexandra Kollontai: Feminismo e socialismo - uma abordagem crítica do Direito*. São Paulo: Alfa-ômega, 2012, p. 46.

³⁶KOLLONTAI, *Autobiografia...*, op. cit., p. 36.

³⁷FARNSWORTH, Beatrice. Bolshevism, the woman, and Aleksandra Kollontai. *The American Historical Review*, Vol. 81, No 2 (Apr., 1976), p. 292-316.

³⁸CRUZ, op. cit.

de *Zhenotdel* (departamento de mulheres). As atividades do *Zhenotdel* envolviam tarefas como alfabetização, formação política, mobilização para trabalhar nas creches, orfanatos e na assistência ao exército, além da eleição de delegadas para trabalhar como aprendizes em diversos ramos do governo. O departamento também era a direção do secretariado de mulheres da IC, possuía um jornal próprio e realizava conferências regionais e nacionais.³⁹

Durante a Guerra Civil (1918-1921), quando o governo implementou o Comunismo de Guerra, muitos viram suas medidas como meios para a construção do socialismo e de uma economia comunal. A abolição da propriedade privada, a perda de importância da moeda, o racionamento estatal e principalmente a inserção de todos na vida produtiva ligando o trabalho à alimentação socializada e as políticas de socialização do trabalho doméstico contribuíram para a visão de que o trabalho doméstico desapareceria em breve.⁴⁰

Kollontai viu nessas políticas um novo modo de vida socialista. O trabalho obrigatório reconhecia a mulher como força produtiva e a alimentação coletiva e a distribuição de comida para as crianças consolidava a “*separação entre casamento e cozinha*”⁴¹. A habitação comunitária era vista apresentando vantagens como cozinha comum, lavanderia e água quente. Além disso, as bases do novo sistema eram a organização não só da produção mas também do consumo, retirando da família esta função. Segundo Kollontai, “*à medida que o casamento deixa de significar para os cônjuges vantagens materiais, perde seu caráter de instituição estável*”⁴².

Durante os anos da Guerra Civil, Kollontai apresenta um grande entusiasmo com a formulação e organização das mulheres e isso se reflete na quantidade de textos e discursos. Ela também passa por temas mais relacionados à psicologia e à moralidade, buscando o novo homem e nova mulher socialistas. Em 1918, em *As Trabalhadoras*, defende que os avanços legais devem ser acompanhados de uma mudança “de fato” e da compreensão, pelo trabalhador, da mulher como sua igual.⁴³ Ainda nesse ano publica a *Nova Mulher e a Moral Sexual* (1918), trabalho ousado e combatido por muitos, onde propõe novas relações afetivo-sexuais não pautadas pelo casamento e critica as relações de dependência, posse e ciúmes entre amantes.⁴⁴

Em 1919, Kollontai escreve *A História do Movimento de Mulheres Trabalhadoras na Rússia*, onde resgata a presença das mulheres nas greves de 1905 e

³⁹ Estiveram à frente do *Zhenotdel*: Kollontai (1920-1922), Sofia Smidovich (1922-1924), Klavsiia Nikolaieva (1924-1925), deposta do cargo por apoio à Oposição Antiburocrática, Alexandra Artujina (1925-1930) - SENNA, Tais Carvalho. A seção de mulheres do partido bolchevique soviético. In: *Anais do XV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio 2012*. Para o parágrafo: FARNSWORTH, B. Op. Cit. / CLEMENTS, Barbara. The Utopianism of *Zhenotdel*. *Slavic Review*, Vol 51. No 3 (Autumn, 1992), p. 485-496; CRUZ, op. cit., p. 46.

⁴⁰ GOLDMAN, op. cit., p. 22.

⁴¹ Idem p. 89.

⁴² Idem. p. 110.

⁴³ KOLLONTAI, Alexandra. *As Mulheres Trabalhadoras*. Disponível em: <http://www.marxistsfr.org/portugues/kollontai/1918/mes/mulheres.htm> Visitado em: 17/07/2016.

⁴⁴ KOLLONTAI, Alexandra. *A Nova Mulher e a Moral Sexual*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

1906⁴⁵ e, no ano seguinte, o famoso *Comunismo e Família* (1920), seu texto mais entusiasta com a economia comunal e a destruição da família. Em 1921, publica *Relações entre os Sexos e a Luta de Classes* (1921), no qual afirma a existência de uma crise sexual e insiste na necessidade de transformação não só da economia mas também da psicologia humana sob o socialismo.

Kollontai: da Oposição Operária ao apoio a Stalin

Ao fim da guerra civil, em meio à necessidade de aumentar a produção, Lênin implementa a NEP. Muitos que viam no Comunismo de Guerra os germes de um novo mundo se opuseram à NEP.

Em 1920 forma-se a Oposição Operária, com Schliapnikov à frente e uma base formada majoritariamente por operários não qualificados. Kollontai adere ao grupo e escreve sua tese ao X Congresso do Partido em 1921, o panfleto *Oposição Operária*, que apresentava dois pontos principais: 1) a ideia do “controle operário”, onde defendiam que toda a economia estivesse sob controle dos sindicatos; 2) a denúncia de um processo acelerado de desproletarização e burocratização do partido. Mas a Oposição Operária recebe poucos votos no Congresso, que decide a proibição de frações. O grupo chegou a recorrer a resolução à Internacional, mas não obteve sucesso.⁴⁶

No momento da participação na Oposição Operária, Kollontai estava à frente do *Zhenotdel*. Isolada como minoria no partido, isso se refletiu no trabalho do departamento.⁴⁷ O silêncio da Oposição Operária sobre a questão das mulheres também se reverteu negativamente para Kollontai. No início de 1922 ela é afastada da direção do órgão.⁴⁸

O XI Congresso do partido, de 1922, com Lênin afastado, elege Stalin como secretário geral, que passa a ser responsável pelas nomeações para o partido e o governo. Esse é o mesmo ano em que Kollontai é mandada para fora do país como representante comercial na Noruega e, no ano seguinte, torna-se a primeira mulher embaixadora no mundo.⁴⁹

Sob o governo de Stalin, a maioria das políticas destinadas ao fim da opressão das mulheres e ao fim da família seriam desmanteladas. O *Zhenotdel* foi dissolvido, a homossexualidade e a prostituição tornaram-se crime, o aborto foi proibido, a herança e a autoridade paterna e a adoção⁵⁰ foram restabelecidas, instituíram-se altas taxas para o divórcio, impostos sobre solteiros e bônus salariais conforme a quantidade de

⁴⁵ Anos depois, em 1927, ela escreveria *As mulheres militantes na revolução de outubro*, que retomava a participação das mulheres e sua invisibilidade.

⁴⁶ SERRA, *op. cit.*, p. 80.

⁴⁷ A NEP também impactou o *Zhenotdel*, que teve os recursos diminuídos drasticamente.

⁴⁸ PORTER, *op. cit.*, p. 385-387.

⁴⁹ FARNSWORTH, *op. cit.*, p. 944-970.

⁵⁰ A volta da adoção significava a derrota de uma perspectiva de o Estado cuidar das crianças e uma decisão de desinvestimento na rede de residências para crianças (orfanatos).

filhos. Por fim, as escolas deixam de ser mistas e a quantidade de restaurantes, creches e orfanatos diminui a partir da necessidade declarada de investir na indústria.⁵¹

Diante de todos esses retrocessos, Kollontai se cala, com uma única exceção em 1926 quando foi contra a equiparação entre uniões de fato e casamento no Código de Casamento e Família. Para ela a tentativa de estabelecer o que era uma “união de fato” limitava as possibilidades de arranjos familiares.⁵²

Muitos concordam que a indicação de Kollontai para cargos diplomáticos no exterior foi feita com o intuito de isolá-la e não permitir sua ação política. Oficialmente, entretanto, ela não se pronuncia. De 1922 a 1952, ano de sua morte, pelo menos oficialmente, ela apoia o regime.

Em 1924 Kollontai procura Stalin e pede sua ajuda pra resolver diferenças com Litvinov e Chicherin no Comissariado de Assuntos Estrangeiros e, a partir do meio da década de 1920 estabelece uma relação de livre acesso à Stalin. No 14º Congresso do partido em 1924 ela escreve que encontra com muitos dos velhos amigos que eram agora opositores, mas posiciona-se junto à linha stalinista.⁵³

Sua conversa com a oposição gerou o rumor de que ela estava relacionando-se com o grupo. Em 1926, solicita uma reunião com Stalin para reiterar que não fazia parte da oposição, mas critica a falta de democracia no partido. Pouco depois Kollontai é mandada para uma missão diplomática no México.

No ano seguinte se dá a expulsão de Trotsky e Zinoviev do partido. O Congresso ratifica a decisão e expulsa mais 75 “trotskistas” e 15 “dissidentes”. Logo depois das expulsões, Kollontai escreve um artigo no qual denuncia a oposição por romper com a disciplina partidária. Em seu diário, entretanto, compara aquele momento à 1914, quando rompeu bruscamente com os mencheviques, e fala sobre gerações que estarão compelidas a sofrer a partir de então. Descreve a decisão como acertada, embora uma tragédia, sobretudo para os que haviam participado da Revolução de 1917.

Em 1930, ano que o *Zhenotdel* é extinto, Kollontai ganha um prêmio pelo seu trabalho revolucionário com as mulheres. Uma tentativa de calá-la ou de construir uma narrativa de uma igualdade da mulher já alcançada?⁵⁴ Nesse mesmo ano,

⁵¹GOLDMAN Wendy. *Op. Cit.* Entre 1917 e 1930 houve 301 decretos e leis sobre a questão das mulheres e da família e, depois de 1930, somente 3. ANDRADE, Joana El Jaick A Social-Democracia e a “Nova Mulher”: o feminismo revolucionário de Alexandra Kollontai. In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Unisinos, 2007. CD-ROM.

⁵²FARNSWORTH, *op. cit.*

⁵³ Para o texto a seguir utilizamos como referência bibliográfica o seguinte trabalho, exceto se houver indicação diferente. FARNSWORTH, *op. cit.*

⁵⁴ O stalinismo utilizou títulos, condecorações e prêmios como forma de subornar e/ou calar seus adversários. Nas biografias, Kollontai aparece em diversos momentos como alguém carente de reconhecimento, que guardava certo rancor por seu afastamento dos centros de decisão do partido. Perguntamo-nos se Stalin não teria sabido manipular Kollontai com cerimônias de reconhecimento, ao mesmo tempo em que buscava imobilizar sua capacidade de fazer política isolando-a em determinados locais e funções. Ao mesmo tempo, sobre a questão da mulher o governo por diversos momentos declarou

Kollontai registra em seu diário sua posição contrária às coletivizações forçadas e também à recepção de um “convidado” que lhe conta sobre os trens de deportados. Em 1931 o sobrinho de Kollontai se suicida. Seu diário dá a entender que a “vigilância excessiva” do partido teriam provocado seu suicídio.

Essa “vigilância” era exercida sobre todos os membros e também sobre Kollontai. Ela comenta em diversos momentos saber da existência de agentes observando-a. Entre 1937 e 1938 há uma nova onda de expulsões no partido e o corpo de diplomatas é praticamente dizimado. Em 1937 ela fica sabendo de sua ordem de prisão. Assim, quando volta à Rússia naquele ano, leva junto consigo o Ministro suíço. Após alguns dias de temor sem saber se o Ministro (e sua ideia) seria ou não bem recebido, Stalin aceita realizar um almoço no qual um dos principais responsáveis por condenações e execuções no partido conversa com Kollontai a todo instante.

A estratégia usada preserva sua vida, mas no ano seguinte, quando Bukharin e Rikov são executados, ela diz que teme pela sua vida e a vida de seus amigos. Com a GPU seguindo seus passos, antes de voltar a Moscou dá a um amigo cartas para serem queimadas e orientações caso ela não desse notícias. Nesse ano escreve que se não caísse “debaixo da roda” (se referindo aos purgos) seria um milagre.⁵⁵

Beatrice Farnsworth fez um trabalho fundamental com base nas cartas e diários de Kollontai buscando recuperar pistas para entender seu posicionamento sobre o stalinismo. Ela defende a tese de que, embora os apoios públicos de Kollontai ao regime, privadamente ela nunca endossou o poder de Stalin e chama atenção para a ausência em seu diário de expressões de acordo com a linha geral ou do culto ao personalismo tão comum nas atividades públicas. Pelo contrário, os diários estão repletos de expressões de desacordo com a política geral, sobretudo nos anos de 1930. Para a autora, Kollontai empurrava os limites da auto-expressão segura sob o stalinismo ao fazer isso e impressiona o fato de escrever essas declarações e ainda assim manter-se viva.

Em 1942, enquanto estava internada em um hospital, Kollontai teve duas malas de correspondências roubadas e, alguns anos antes, Petrov e outros invadiram seu apartamento em Estocolmo e durante 3 dias fotografaram suas correspondências e diários.

Farnsworth comenta que o

General E.T. Sinitsin, quem admirou Kollontai, contou a ela que em 1944 Lavrenti Beria ordenou-lhe que lesse os diários [...] e mandou enviar-lhe um relatório sobre sua confiança política. Sinitsin leu os diários – ele contou a Kollontai – e reportou a Moscou que eles não tinham nada que iria interessar Beria. A mesma informação foi passada a Stalin. Se Sinitsin quisesse incriminar

que o “problema da mulher” estava resolvido na sociedade soviética. E por esta razão não era mais preciso uma organização das mulheres (argumento para o fechamento do Zhenotdel). A narrativa da igualdade alcançada escondia a dura realidade de desmonte dos serviços destinados à socialização do trabalho doméstico e das formas de auto-organização política das mulheres.

⁵⁵ FARNSWORTH, *op. cit.* p. 946

Kollontai, ele teria evidência abundante, principalmente dos anos de 1937 e 1938⁵⁶

Sabemos que Kollontai revisou e editou seus diários e cartas diversas vezes ao longo da vida, também se desfazendo de parte de sua correspondência. Em 1947 escreve a uma amiga e comenta que estava rasgando velhas cartas. A própria autobiografia foi alvo de edições.

Farnsworth chama atenção para os estereótipos de gênero nas relações pessoais e círculos internos da política soviética e defende que Kollontai teria tido uma estratégia gendrificada (*gendered*) de sobrevivência onde, por um lado, era vista em alguma medida como uma não-ameaça por ser mulher, e, por outro, teria também se aproveitado desse lugar e “encenando” este papel (de mulher, inofensiva) para permanecer viva. Ela redesenha um Stalin suscetível à bajulação das camaradas mulheres e, portanto sua manipulação pelas mesmas, resgatando o fato de Kollontai sempre enfatizar nas suas conversas com Stalin que o mesmo era sensível, quando todos o chamavam de rude e grosseiro. Gilberto Badia, que escreveu a biografia de Clara Zetkin, que também apoia Stalin e sobrevive às suas perseguições, coloca que o fato de Clara ser mulher não deve ser ignorado e reforça a tese da necessidade de Stalin em preservar “figuras inofensivas” (mulheres) que se ligavam à antiga tradição revolucionária.⁵⁷

Um fato que poucos comentam é que Kollontai era cardíaca, e foi afastada de seu trabalho e militância por diversos momentos em razão de sua saúde tendo morrido em decorrência de um ataque cardíaco, mas que não era seu primeiro. Kollontai morreu no dia seguinte ao Dia da Mulher de 1952 e poucos dias antes de fazer 80 anos de idade.

O legado de Kollontai e o balanço necessário da experiência russa

Kollontai foi a primeira mulher a fazer muitas coisas: a primeira no Comitê Central do partido, a primeira Ministra no mundo, a primeira diplomata, a primeira embaixadora. Abriu caminho por onde passou, levando e impulsionando diversas mulheres à luta por seus direitos e pelos direitos da classe trabalhadora.

Entre suas contribuições de maior importância estão o entrelaçamento da luta por direitos das mulheres à luta revolucionária construindo a ideia de uma dependência mútua entre elas, a sua grande contribuição para as reflexões sobre o afeto, a sexualidade e a família. Além disso, ressaltamos sua interpretação não-economicista sobre a sociedade, compreendendo não só as questões econômicas, mas também as culturais e mentais, e percebendo tanto a integração quanto o não-automatismo entre elas.

⁵⁶ Idem, p. 966 / Tradução minha.

⁵⁷ BADIA, *op. cit.*

No entanto, precisamos apontar também algumas limitações teóricas, que não são somente de Kollontai, mas dos bolcheviques e, de um modo geral, de toda a militância socialista/comunista de sua época.

Nas elaborações socialistas sobre a emancipação da mulher de então, a família aparecia como um elemento central, responsável pela dependência econômica da mulher e pelo seu afastamento da vida em sociedade. As políticas soviéticas focaram-se em inserir a mulher no trabalho produtivo, acabando com sua dependência econômica, e socializar o trabalho doméstico, entendendo o cuidado dos filhos, alimentação, etc., como sendo uma tarefa coletiva na sociedade socialista. Tal concepção passava por uma questão moral (julgamento sobre os trabalhos domésticos como degradantes), uma análise sobre o desperdício de força produtiva (deixando as mulheres em casa) e pela necessidade de libertar o tempo das mulheres para a vida em sociedade (estudos, cultura, política, etc).

Entretanto, os bolcheviques ou Kollontai nunca aprofundaram suas análises sobre a existência de uma dependência entre relações de produção e reprodução no capitalismo. Pelo contrário, o lar era visto como perdendo importância no capitalismo, agora que as mulheres estavam no trabalho produtivo, fazendo com que os mesmos não avançassem sobre uma leitura mais profunda da divisão sexual do trabalho necessária à *produção em moldes capitalistas*. Assim, eles não perceberam criticamente a separação e hierarquização das esferas da produção e reprodução no capitalismo, onde a produção passa a ser supervalorizada como espaço público, de poder e gerador de valor, enquanto o espaço doméstico é moldado como espaço de manutenção e reprodução da força de trabalho a partir de um trabalho desvalorizado, invisibilizado e gratuito sustentado por e gerador de misoginia, machismo e autoritarismo e que tem impacto não só no espaço doméstico mas também no produtivo, reservando os trabalhos como educação, cuidado, serviços, limpeza, etc., e trabalhos desqualificados para as mulheres. Os bolcheviques, e Kollontai entre eles, ao não perceberem essas relações, acabavam por reproduzir um discurso de supervalorização do espaço produtivo e da perda de importância da família, fadada a um fim iminente.

É verdade que houve comissões nas fábricas voltadas para a inclusão de mulheres nos trabalhos ditos “de homem” e o governo soviético implementou a educação mista de crianças. No entanto, essas políticas geralmente se voltavam à inclusão das mulheres no espaço produtivo, ou a tornar produtiva uma tarefa feminina (como no caso das empregadas assalariadas dos serviços como lavanderias, creches, restaurantes, enfermarias, etc), mas o fato de serem mulheres a realizar esse trabalho não era discutido, evidenciando limites no questionamento da divisão sexual do trabalho e dos papéis de gênero.

A nível das relações pessoais, a questão era contraditória. Se por um lado havia a visão das mulheres como “camarada” e “igual” e o debate sobre a violência e posse nas relações, por outro, o lugar da mulher como mãe na família não era questionado. Outra questão, que também se liga à naturalização dos papéis de gênero, era a posição sobre o aborto, que é legalizado, mas visto como um mal destinado em

breve a acabar. A maternidade era vista como um “dever social” das mulheres, e não como um ato passível de escolha.⁵⁸

Tais limitações teriam, do ponto de vista político, consequências devastadoras, na medida em que será sobre essas “pontas soltas” e lacunas que Stalin reativará a família (em moldes patriarcais burgueses) e seu papel tanto econômico de manutenção e reprodução da força de trabalho quanto ideológico de ensinamento e naturalização da hierarquia e das normas sociais como estratégia fundamental necessária tanto aos planos de industrialização e guerra quanto para a dominação da política.

Trotsky ressalta as dificuldades impostas pelo atraso econômico e cultural do país para garantir a emancipação da mulher, mas também fala sobre a relação da reabilitação da família com a “contrarrevolução burocrática”:

O motivo mais imperioso do atual culto da família é, sem dúvida, a necessidade que a burocracia tem de uma hierarquia estável das relações, de uma juventude disciplinada e espalhada por quarenta milhões de lares, servindo de pontos de apoio à autoridade e ao poder.⁵⁹

É dever do historiador colocar a sociedade analisada por ele no seu devido tempo histórico. Acessar a experiência da Revolução Russa remexe em ilusões, esperanças, decepções e lacunas teóricas e históricas as quais o materialismo histórico tem a tarefa de se esforçar para preencher. Esse olhar deve também lidar com o fato de que muitas questões que apontamos como erros e limitações dos bolcheviques são questões não superadas até o presente. Sua História nos ajuda a pensar sobre o presente e os desafios de uma unidade ainda pendente e cada vez mais necessária entre feminismo e marxismo. Iluminar a esperança no futuro com a experiência do passado ajuda esse caminho, e a Revolução Russa e a trajetória de Kollontai são luzes necessárias.

Por maior que seja o número de erros cometidos, nossa experiência revolucionária é a mais audaciosa experiência de construção da vida, de tentativa para organizar a vontade que sente uma coletividade de milhões de homens de dominar as leis cegas da economia. [...] por mais difícil que deva ser a realização do comunismo, nós começamos.⁶⁰

Artigo recebido em 30.8.2016

Aprovado em 17.10.2016

⁵⁸Goldman, entretanto, coloca que as mulheres utilizaram o aborto legal como forma de gerir sua capacidade reprodutiva. GOLDMAN, *op. cit.*

⁵⁹TROTSKY, *op. cit.*, p. 170.

⁶⁰KOLLONTAI, Alexandra. Revolução nos costumes. IN: KOLLONTAI, *Marxismo e Revolução Sexual*, *op. cit.*